



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON
SANTOS
IHAC
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG

DANIELLE CRISTINA SANTOS DE JESUS

**COMPLEXO CULTURAL DO MACHISMO E *LOVE BOMBING*: UMA
ANÁLISE ATRAVÉS DO MITO DE PSIQUÊ.**

SALVADOR

2023

DANIELLE CRISTINA SANTOS DE JESUS

**COMPLEXO CULTURAL DO MACHISMO E *LOVE BOMBING*: UMA
ANÁLISE ATRAVÉS DO MITO DE PSQUÊ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos - IHAC, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para Conclusão do Curso de Especialização em Teoria Analítica de Carl Gustav Jung, orientado pela Prof^a Fabiana Teixeira Pithon.

SALVADOR

2023

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. Mito de Eros e Psiquê, a rivalidade feminina e a “prateleira do amor”	8
3. O Castelo de encantamento de Psiquê e o <i>Love bombing</i>	11
4. <i>Love bombing</i> e o Ciclo da violência	13
5. Complexos Culturais	15
6. O complexo cultural do machismo	18
7. Individuação	22
7. Considerações finais	23
REFERÊNCIAS	25

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o complexo cultural do machismo e o *love bombing* através do mito de Psiquê, considerando como perspectiva principal o castelo do encantamento. A temática origina-se a partir do princípio que o machismo cultural cunha um lugar onde a mulher acredita que o casamento é o melhor e único destino possível para alcançar a felicidade e se sentir realizada, protegida e amada. O *love bombing* é uma técnica de manipulação utilizada pelos homens para bombardear de amor nas mulheres, fazendo-as sentirem dependentes desse amor e atenção dispensada a elas e, conseqüentemente, manipulando-as e isolando-as do mundo a sua volta, fazendo com que acreditem que apenas aquele lugar lhe dará segurança e estabilidade, criando uma fantasia de que tudo é bom e belo. Através desse cenário, perceber-se-á que o pensamento machista, normatizado pela sociedade por anos, e o *love bombing* criam um cenário onde as mulheres, assim como Psiquê, fecham seus olhos para a realidade da bolha que uma relação com essa complexidade traz para elas. Todavia, dentro dos diversos aspectos a serem analisados nesta conjuntura, evidencia-se o seguinte questionamento: Como o complexo cultural do machismo e o *love bombing* se relacionam com a parte do castelo do encantamento de Psiquê na conjuntura atual da sociedade?

Palavras chaves: complexo cultural, machismo, *love bombing*, castelo do encantamento, Psiquê

SUMMARY

The present work aims to analyze the cultural complex of male chauvinism and love bombing through the myth of Psyche, considering the castle of enchantment as the main perspective. The thematic originates from the principle that cultural male chauvinism creates a place where women believe that marriage is the best and only possible destination to achieve happiness and feel fulfilled, protected and loved. Love bombing is a manipulation technique used by men to bomb women with love, making them feel dependent on the love and attention given to them and, consequently, manipulating and isolating them from the world around them, causing them to believe that only that place will give them security and stability, creating a fantasy that everything is good and beautiful. Through this scenario, we notice that sexist thinking, standardized by society for years, and love bombing create a scenario where women, like Psyche, close their eyes to the reality of the bubble that a relationship with this complexity brings for them. However, within the various aspects to be analyzed at this situation, the following question becomes evident: How do the cultural complex of male chauvinism and love bombing relate with the castle part of Psyche's enchantment in the current situation of society?

Keywords: cultural complex, male chauvinism, love bombing, castle of enchantment, Psyche

Esse ensaio visa analisar a relação entre o complexo cultural do machismo e o *love bombing* como técnica de manipulação, com o recorte do castelo do encantamento no mito de Eros e Psiquê. Levando em conta que tanto a cultura do machismo quanto o *love bombing* são os responsáveis pela dinâmica que levam às mulheres ao lugar que hoje elas ocupam nos relacionamentos afetivos e os meios que levam as mulheres a viverem relacionamentos abusivos. Sendo das mulheres, a busca por estarem belas e aumentarem as chances de ser escolhidas por um homem - que deve ser o principal desejo delas -, responsabilidade por manterem um casamento e continuarem desejáveis, vivendo assim uma espécie de realidade paralela, onde a mulher acredita que precisa de um homem e um relacionamento amoroso para se sentir protegida, amada, com valor e acaba se isolando do mundo a sua volta quando entra em um relacionamento, acreditando que apenas assim, terá segurança e estabilidade.

Para verificar essa relação, é imperativo entender a seguinte problemática: como o machismo cultural e o *love bombing* se relacionam com o mito do castelo encantado de psique, na conjuntura atual da sociedade?

A motivação inicial para escrever sobre esse assunto é estar inserida dentro desse complexo cultural do machismo e já ter sido vítima desse dispositivo de manipulação do *love bombing*, que me levou a ficar presa no ciclo da violência e nesse castelo do encantamento, dificultando que eu conseguisse identificar e sair desse ciclo. Para além disso, ver nas relações heterossexuais presenciadas, muitas mulheres claramente nesse castelo do encantamento e a dificuldade para sair dele, pois, por perder o contato com a realidade, vivendo nesse encantamento, a mulher acaba sendo retroalimentada pelo complexo cultural e pelo *love bombing* e acaba ficando na escuridão do castelo, sem ver luz para sair de lá.

Outro ponto importante é trazer luz a esse tema, já que ainda existem poucos estudos e discussões sobre esse assunto.

Na aula sobre mitologia grega, enquanto a professora do componente de Mitologia Grega contava sobre o mito de Eros e Psiquê, na mente, foi sendo feita uma analogia com o relacionamento abusivo entre homens e mulheres, imaginando Psiquê no lugar dessa mulher, conseguindo fazer conexão sobre um relacionamento tóxico já vivido e que também é possível observar várias mulheres vivendo, como o mito.

A justificativa deste trabalho é de trazer esses temas à discussão pois os estudos sobre eles ainda são poucos e ajudar mulheres que passam ou passarão por essa

situação a entenderem o que está acontecendo com elas e conseguirem se fortalecer para sair desse castelo, buscando sua liberdade, autonomia e independência.

Conforme o livro *Saúde Mental, gênero e dispositivos* (2018) da psicóloga e pesquisadora de questões de gênero, Valeska Zanello (2018), é possível perceber como se desenvolveu historicamente a diferenciação entre tornar-se homem e tornar-se mulher na sociedade. Segundo pesquisa da autora: “a ideia/teoria de uma diferença sexual substantiva e binária-oposta (homem/mulher) nem sempre existiu [...] houve a predominância da teoria do sexo único... entre homens e mulheres haveria apenas uma diferença de grau” (ZANELLO, 2018, p.39).

Com o capitalismo, aconteceram mudanças sociais que começaram a diferenciar o homem da mulher, colocando a mulher no papel social de esposa e de cuidadora do lar, do marido, dos filhos e outros. E essas diferenças foram sustentadas, inclusive, cientificamente, para justificar as desigualdades de gênero, introduzindo então o conceito de gênero, como diferença física, de características e habilidades que seriam comuns a todos pertencentes àquele gênero.

Para Zanello (2018, p. 44) gênero é “um conceito relacional e implica, sempre, relações de poder, de privilégios, de maior ou menor prestígio... a diferença sexual é uma construção de gênero”.

A partir daí, percebe-se o quanto esse conceito de papéis sociais de mulheres e feminilidade foi sendo respaldado pela sociedade e por todos os meios sociais, como música, cinema, passando por brincadeiras, brinquedos e etc.

A autora fala ainda que, com o respaldo dessas mídias sociais, é implantada a ideia de que o sonho de todas as mulheres é casar: “a ideia de que a coisa mais importante que pode lhes acontecer na vida é encontrar um homem e que ele é/deve ser o centro motivador organizador da sua vida. Ou seja, naturaliza-se a ideia de que o sonho de toda mulher é casar” (ZANELLO, 2018, p. 47).

Zanello (2018), faz referência à Butler ao discutir o conceito de *scripts* culturais:

Há *scripts* culturais (como agir, pensar, sentir, se locomover, etc. para ser considerado como “verdadeiramente” uma mulher ou um homem) que já existem antes de nascermos e são mantidos por práticas sociais. Como nos aponta a pensadora, há uma “estratégia de sobrevivência”, a qual sugere existir uma situação de coação social, claramente punitiva, na qual esta performance se dá (ZANELLO, 2018, p. 46).

Portanto, isso mostra que, socialmente e culturalmente, os papéis de gênero e seus comportamentos já são pré-definidos desde antes do nascimento do sujeito e todos são educados para atender os comportamentos determinados pelo seu gênero de nascimento. E se não atenderem, serão devidamente punidos.

Percebemos que as citações acima confirmam e se complementam na ideia de que a sociedade foi estruturada para o padrão de gênero e binarismo, onde é esperado comportamentos diferentes entre homens e mulheres. E a partir daí, foi atribuído como comportamentos característicos masculinos a dominação, o poder, a liberdade, entre outros, enquanto as características femininas seriam a docilidade, a submissão e o ideal de ser escolhida para um homem para realizar o ápice do papel feminino que seria casar e ter filhos.

A partir desse pensamento, torna-se natural que os objetivos de uma mulher incluam os dois dispositivos que seriam associados à sua feminilidade: o “dispositivo amoroso” e o “dispositivo materno”. Tem-se, portanto, uma sociedade normalizando e fomentando que as mulheres cumpram seu objetivo, colocando-as como responsáveis por “fisgar” um homem e única responsável ainda, por mantê-lo.

Essas informações são necessárias para contextualizar de onde vem a grande quantidade de mulheres que, assim como Psiquê, entram nesse castelo do encantamento, de como esse complexo cultural do machismo é o responsável por essa tecnologia de gênero e de como esse lugar de papel de gênero masculino é de que conquista, comprovando a sua masculinidade, utilizando do *love bombing* para colocar as mulheres nesse lugar de encantamento, submissão, silenciamento e adoecimento.

Mito de Eros e Psiquê, a rivalidade feminina e a “prateleira do amor”

Em Eros e Psiquê, é usado o estilo de conto de fadas para narrar a história da mitologia. Segundo Pedraza, “os personagens são imagens mitológicas arquetípicas consistentes que usam como veículo o método inconsistente do conto de fadas” (PEDRAZA, 2010, p. 23). Além de ser um mito, também pode ser considerado conto de fadas por não estar situado em tempo e espaço específico. Os mitos na psicologia analítica seriam representação dos processos inconscientes que possibilitam o indivíduo viverem na realidade e são fundamentais para a psique, enquanto os contos de fadas estão localizados nas camadas mais profundas desse inconsciente, que é

comum a todos e por isso ambos aparecem em histórias contadas de forma muito parecida, em lugares distantes e sem contato (SILVEIRA, 1981)

É necessário ainda dizer que, existem várias interpretações para o mito de Eros e Psiquê e várias instâncias de compreensão e utilizaremos a interpretação que enxerga o mito de Eros e Psique à luz dos relacionamentos abusivos.

Através do mito, acessamos a primeira problemática referente à cultura do machismo, que é a rivalidade feminina. Afrodite, com ciúmes e inveja de Psiquê, pede que seu filho Eros a castigue com sua flecha. Já percebemos no começo do mito, que existe uma rivalidade entre as duas mulheres, alimentada pelos ciúmes de Afrodite pela beleza de Psiquê, assim como no mundo moderno, onde as mulheres estão constantemente rivalizando para serem notadas e escolhidas por um homem, o que é extremamente benéfico para o homem e a cultura do machismo. As mulheres ficam à disposição do julgamento masculino, o que retroalimenta essa cultura, conforme o Valeska Zanello (2018):

A contrapartida do segundo desdobramento da prateleira do amor (mulheres se subjetivar na rivalidade entre si) é, como já apontamos parcialmente, o empoderamento dos homens. Aqui cabe destacar vários aspectos. O primeiro deles, diz sobre a construção de um lugar subjetivo que lhes assegura estarem em uma posição privilegiada em que se erigem como aqueles que podem julgar física e moralmente as mulheres (ZANELLO, 2018, p. 88).

O termo “prateleira do amor” como um dispositivo, cunhado pela autora, é uma metáfora para entender a objetificação da mulher na sociedade e a imposição por um padrão de beleza que deve ser buscado por todas. Quanto mais próximo do padrão de beleza social - alta, loira, jovem e magra, um melhor lugar na *prateleira* é garantido para ter um local de destaque e mais chances de ser escolhida por um homem. Além disso, essa *prateleira* coloca o homem em um lugar de poder, pois é ele quem julga e escolhe a mulher através desse dispositivo. Logo, as mulheres devem rivalizar entre si para ocupar esse lugar de destaque na *prateleira*, para serem assim, escolhidas.

A “prateleira do amor” faz parte do *dispositivo amoroso*, que segundo Zanello (2018) vem culturalmente e socialmente colocando a mulher no lugar de buscar ser bela, dócil, sexual, ocupando um melhor lugar na “prateleira do amor” e sendo escolhida. Quando isso acontecer, a mesma será a única responsável por manter-se

sendo escolhida e por manter essa relação. Ela deve ser capaz de se sacrificar para manter o casamento e o amor do marido:

Dizer que o dispositivo amoroso apresenta-se como caminho privilegiado de subjetivação para as mulheres em nossa cultura, significa dizer que as mulheres se subjetivam, na relação consigo mesmas, mediadas pelo olhar de um homem que as “escolha”. Isto é, o amor, ser escolhida por um homem, é um fator identitário para elas. Diz acerca de certa forma de amar que a elas é interpelada. Em nossa cultura, os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar, sobretudo, e principalmente, os homens. Vimos o quão variadas e eficazes são as tecnologias de gênero (revistas, filmes, músicas, novelas etc.) que interpelam performances relacionadas a esse dispositivo, bem como o modo como colonizam afetos. A metáfora que criei para ilustrar essa condição é a seguinte: as mulheres se subjetivam na “prateleira do amor”. Essa prateleira é profundamente desigual e marcada por um ideal estético que, atualmente, é branco, louro, magro e jovem. Trata-se de uma configuração cuja construção histórica foi impulsionada pelo crescimento do individualismo e do capitalismo. (ZANELLO, 2018, p. 79).

Conforme o livro de Manuela Xavier, *De olhos bem abertos* (2022):

Não dá para desvincular a socialização feminina dos relacionamentos, uma vez que toda a experiência feminina conduz as mulheres a buscar uma relação e desenha uma via crucis que é preciso percorrer para que sejamos escolhidas por um homem (XAVIER, 2022, p. 50).

No mito de Psiquê, após Eros atender o pedido de Afrodite, sua mãe, e flechar Psiquê para que ela se apaixonasse pelo ser mais terrível, ele se apaixona perdidamente por ela. Conforme Pedraza, Psiquê é “...uma jovem chorando em sua casa, condenada ao celibato, com o corpo e o coração doentes, em deplorável abandono e solidão” (PEDRAZA, 2010, p. 31). No livro, o autor mostra Psiquê como uma figura desamparada, sozinha, por não ter arrumado um casamento. Trazendo esse cenário para os tempos atuais, percebemos que ainda hoje, culturalmente, a mulher que não tem um parceiro, não casa, não tem filhos, é tida como inferior, é vista como alguém que deve ter algum problema, reforçado por termos como enalhada, ficar para titia, entre outros.

Ainda no livro, o autor diz: “A boda [...] para o feminino [...] é destino, transformação” (PEDRAZA, 2010, p.40). Percebe-se no conto, que tanto na época da Grécia antiga e ainda hoje, o casamento é experienciado pelas mulheres como o destino a ser buscado para a transformação. Assim, como Psiquê no conto, vemos atualmente a mulher moderna sonhando e ansiando pelo casamento, como se fosse o caminho natural da vida. Para algumas mulheres, o casamento é o único e melhor

destino. Para a sociedade tanto no conto, quanto na vida atual, o casamento é algo que as mulheres devem querer e buscar ter.

Percebe-se como o casamento é o grande rito de passagem da vida da mulher para a transformação. E quando o casamento acontece, o significado para a mulher é muito diferente do significado para o homem. E, muitas vezes, o trabalho no ritual do casamento também. As decisões mais simbólicas são responsabilidade da mulher, enquanto aos homens, são responsabilidades de coisas mais práticas:

“Considerando como cada um dos noivos se envolve de forma prática com os preparativos do casamento, observa-se primeiramente que todas as noivas do estudo assumiram a responsabilidade maior do controle dos preparativos, que envolveram o contato e orçamento com os fornecedores de produtos e serviços relativos ao ritual do casamento, a escolha dos detalhes de cada serviço contratado, a realização de pagamentos e providência da documentação requerida.” (PITHON, 2010, p. 74).

Outro aspecto do *dispositivo amoroso* e da “prateleira do amor” podemos ver, quando o pai de Psiquê decide consultar o oráculo de Apolo para saber o que fazer com a filha, pois todas as outras filhas já casaram, mas Psiquê não, mostrando mais uma vez que o grande objetivo na vida de uma mulher, deve ser o casamento. “E assim o conto está mostrando os extremos a que se chega para consultar um oráculo. Uma jovem que está nessa situação provoca angústia de seus pais que a creem vítima de uma maldição divina, eles se alarmam.” (PEDRAZA, 2010, p.31).

O Castelo de encantamento de Psiquê e o *Love bombing*

No mito, Eros leva Psiquê para o castelo encantado, um castelo suntuoso, de escuridão. O castelo de escuridão remete ao lugar de inconsciência. Que é maravilhoso e terrível, pois não se conhece de fato a realidade. O que existe é uma projeção. Ela não sabe onde está entrando, mas ela projeta essa realidade maravilhosa. Nesse local, ela não enxerga nada, mas é servida por serviçais invisíveis, onde ela tem tudo que quer. Portanto, é um lugar de conforto e muitas mulheres entram nesse castelo e não querem ou não conseguem sair desse lugar, onde tudo parece muito bom e belo e onde não se tem acesso à realidade, então, não é um lugar real. É um lugar construído por esse homem, que se utiliza do complexo cultural do machismo, que coloca a mulher nesse lugar de desejo de casar e seguir o roteiro atribuído às mulheres nessa cultura e utiliza para isso, o *love bombing*, que em tradução significa bombardeio de amor,

fazendo com o que, a mulher com esse bombardeio se apaixone, se encante, deseje aquela pessoa a qualquer custo, entre nesse encantamento e isolamento e perca a conexão com a realidade externa à sua volta. O *love bombing* tem um objetivo manipulativo.

A diferenciação do *love bombing* como técnica de manipulação masculina e de um apaixonamento normal e saudável, é que no *love bombing* não é um apaixonamento real. Existe uma pressa e uma urgência pensada com o objetivo de usar o desejo da mulher por uma relação, para aprisioná-la neste apaixonamento arrebatador, pois o homem abusivo sabe que não conseguirá manter essa máscara por muito tempo. O homem se comporta com espelhamento, como uma alma gêmea e se encaixa em todo o desejo da mulher, como se ele mesmo não tivesse os próprios desejos e necessidades. Ali a mulher está projetando no homem esses desejos e o homem atua para que ela crie essas projeções. E assim se inicia o ciclo de violência, que será desenvolvido mais abaixo.

É importante ressaltar, que o termo *love bombing*, segundo o Wikipédia originou-se através de membros religiosos e era utilizado de forma consciente para recrutamento de novos membros, com uma demonstração de interesse e amizade por parte dos mais velhos para maior adesão aos grupos.

Em relação aos estudos referentes ao *love bombing* existem ainda muitos poucos disponíveis. Será usado a ideia de Manuela Xavier, no livro *De olhos bem abertos* (2022), que diz que é uma estratégia de manipulação para colocar a mulher refém do homem.

De acordo com Manuela Xavier (2022):

Love bombing ou explosão de amor: o homem faz manifestações de amor exageradas e cinematográficas a fim de impressionar a mulher e de instituir alguma dívida de retribuição [...] geralmente a explosão de amor aparece quando o homem quer conseguir algum objetivo específico [...] em geral, a estratégia da explosão de amor é maquiagem uma situação desconfortável que aconteceu ou acontecerá, como se fosse possível, por meio de bens materiais e de provas de amor, dirimir os danos causados pelos erros (XAVIER, 2022, p.50).

Assim como o homem bombardeia essa mulher de amor, ele exigirá dela a retribuição. E isso poderá ser desde parar de se vestir como ela se vestia, falar mais baixo, se afastar dos amigos e família, até se isolar, entre diversos outros comportamentos abusivos.

***Love bombing* e o ciclo da violência**

O *love bombing* é uma estratégia de manipulação usada, principalmente por homens, que consiste no bombardeamento de amor. Com esse artifício, homens fazem com que mulheres fiquem presas a esse bombardeamento de amor, apaixonadas e acabam ficando sob o controle deles. Como explicado por Xavier (2022, p. 155), no “*Love bombing* ou explosão de amor: o homem faz manifestações de amor exageradas e cinematográficas a fim de impressionar a mulher e de instituir alguma dívida de retribuição”.

No *love bombing*, essa mulher já no lugar da busca de não ficar sozinha, encontra esse homem atencioso, que demonstra o amor em forma de ações exageradas, fazendo com que a mulher se sinta a mais especial, prendendo-a, onde ela coloca esse homem em um patamar diferenciado e ele faz com que a mulher se sinta coagida a retribuir todo esse “amor”. A partir daí o homem tem o total controle da relação, cobrando retribuição, ativando o gatilho da culpa quando a mulher se comporta de maneira que ele julga incorreta e fazendo com que a mulher comece a se perder de si, pois começa a se comportar da maneira que o outro deseja para receber mais daquele bombardeamento e alimentando a dependência emocional.

Depois do *love bombing* e dessa mulher já ter sido conquistada e estar dependente emocionalmente, começa um ciclo que se repete e é justamente o que contribui para que a mulher permaneça nessa relação. De acordo com o site do Instituto Maria da Penha, a psicóloga norte-americana Lenore Walker (1979) identificou três fases do ciclo da violência nos relacionamentos abusivos. O primeiro seria o aumento de tensão, onde o parceiro fica irritado, com acessos de raiva e humilhações com a vítima. A mulher fica tentando acalmar o homem, achando que o seu comportamento pode ser o gatilho para o comportamento masculino. Ela fica tensa e atenta a tudo que fala e faz para evitar a tensão. Geralmente ela nega o que está acontecendo para si mesma e evita entrar em contato com essa realidade. Já existe a violência psicológica.

Depois vem a segunda fase do ciclo, que se caracteriza pelo ato de violência, que pode ser física, psicológica, patrimonial, entre outras. É importante destacar que a violência não precisa ser física para determinar que há violência. Ela pode acontecer de várias formas. Dito isso, nessa fase ocorre a explosão do agressor, quando ele externaliza toda a tensão acumulada na fase um. Nesse caso, a mulher fica em um

estado de paralisia, sem conseguir se defender, mesmo que saiba e entenda que está sendo vítima de violência. Algumas vezes a mulher opta pelo rompimento da relação.

Após essa fase, vem a fase três, onde o agressor demonstra arrependimento e volta a ter um comportamento carinhoso, o que faz a vítima se sentir tocada e acreditando no comportamento do homem, volta à relação e por um período, vão viver bons momentos. Dá-se início então de um novo *love bombing*, com o homem com um comportamento amoroso e afetuoso, porém, mais uma vez, esse comportamento não é natural. É uma técnica de manipulação para, mais uma vez, colocar a mulher no lugar de responsável por manter aquela relação e prendê-la naquele relacionamento.

Mais uma vez o *love bombing* é utilizado como técnica de manipulação para voltar ao controle da situação. Porém, isso não dura muito tempo e o ciclo de violência recomeça. Eles voltam à fase um, começando novamente o ciclo de violência. A mulher está, então, presa nessa prisão psicológica. É necessário salientar que nem todo relacionamento abusivo começa com o *love bombing*. Alguns relacionamentos não começam com essa técnica, mas ela é vista em uma grande parcela deles.

O *love bombing*, junto com esse ciclo de violência, podem ser vistos como aspectos do complexo cultural do machismo, os quais mantêm as mulheres no local de objeto masculino e não como sujeito ativo e autônomo. Sendo assim, a porta de entrada para mulheres permanecerem em relacionamentos abusivos.

Segundo Marie-France Hirigoyen (2006), no livro *A violência do casal*, “para que a violência possa perdurar é preciso isolar progressivamente a mulher de sua família, de seus amigos, impedi-la de trabalhar, de ter uma vida social. Isolando sua mulher, o homem faz com que sua vida fique voltada unicamente para si”. (HIRIGOYEN, 2006, p. 31).

Esses conceitos se encaixam de forma sólida no mito do castelo do encantamento de Psiquê no momento em que, assim como Psiquê, essas mulheres acreditam que seu melhor e único destino é o casamento e isso se mostra como seu maior desejo de vida, fazendo com que tornem-se, nessa cultura machista, como “iscas” fáceis para serem vítimas de relacionamentos abusivos através do *love bombing*, utilizado como artifício de manipulação pelos homens, colocando-as nesse lugar simbólico do castelo de encantamento do mito de Psiquê.

Complexos Culturais

Para entendermos o papel dos complexos culturais na determinação dos papéis de gênero e no machismo, primeiramente, precisamos compreender o conceito de complexo cunhado por Jung.

Segundo Jung (1875-1961), um complexo afetivo:

É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia, vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da consciência até um certo limite e, por isto, comporta-se, na esfera do consciente, como um corpus alienum (corpo estranho), animado de vida própria. Com algum esforço de vontade, pode-se, em geral, reprimir o complexo, mas é impossível negar sua existência, e na primeira ocasião favorável ele volta à tona com toda a sua força original. (JUNG, OC, vol. VIII, §201).

Ele cunhou o termo complexo através de sua experiência através do experimento de associação de palavras, onde ele percebeu que algumas palavras provocavam sutis reações ao serem escutadas pois tinham associações inconscientes com a palavra:

“Algumas palavras-estímulos ativam conteúdos inconscientes e estes, por sua vez, estão ainda associados a outros conteúdos. Quando estimulada, essa rede de material associado — formada por lembranças, fantasias, imagens, pensamentos — gera uma perturbação na consciência. Os indicadores de complexo são os sinais de perturbação.” (STEIN, 2006, p. 46).

Nise de Silveira (1981) corrobora com a informação:

“Todas essas perturbações indicariam que a palavra indutora havia atingido um conteúdo emocional, oculto no íntimo do examinando, no inconsciente. Esses conteúdos seriam "complexos de ideias dotadas de forte carga afetiva". Jung denominou-os "complexos afetivos" ou simplesmente "complexos". Ficava assim demonstrada experimentalmente a existência do psiquismo inconsciente.” (SILVEIRA, 1981, p. 29,30).

Os complexos são agrupamentos de experiências de tonalidade afetiva que se constelam em torno de um núcleo arquetípico:

“Quando um complexo está constelado, a pessoa é ameaçada com a perda de controle sobre suas emoções e, em certa medida, também sobre o seu comportamento. Ela reage irracionalmente e, com frequência, lamenta-o, arrepende-se ou pensa melhor sobre o que fazer na próxima oportunidade.” (STEIN, 2006, p. 50).

Quando se constelam e tem uma situação que é um gatilho, o inconsciente toma conta da consciência e das funções do ego e a pessoa reage dominado pelo complexo e geralmente, quando a consciência retoma, a pessoa se arrepende e muitas vezes, não entende porque agiu daquela maneira.

A partir desses estudos, pós-junguianos elaboraram outras teorias. Uma dessas é o de complexo cultural, que dá uma nova possibilidade de compreensão de fenômenos sociais. De acordo com Silva e Serbena, no artigo “A teoria dos complexos culturais: uma perspectiva junguiana do social” (2021):

Complexos culturais se constroem como uma maneira da psique narrar a sua relação com o grupo, por meio de dinâmicas inconscientes da vida grupal, vinculando sentimento de pertencimento e expectativas grupais a experiências pessoais, funcionando, assim, como um pano de fundo emocional (SILVA; SERBENA, 2018, p. 8).

Murray Stein (2019) traz o conceito de complexo cultural como um:

Agregados autônomos amplamente inconscientes e emocionalmente carregados de memórias, ideias e imagens que tendem a se aglomerar em torno de um núcleo arquetípico e serem compartilhados pelos indivíduos dentro de um coletivo definido (STEIN, 2019, p. 77).

Portanto, todos os indivíduos inseridos em um grupo vivem e compartilham diversos complexos culturais. Segundo, Singer e Kimbles, (2020, p. 257), “complexos de grupos são ubíquos e nos sentimos inundados por seus efeitos e exigências”. Eles ainda dizem que “os complexos podem apresentar enormes problemas a nós mesmos e àqueles com quem temos que conviver”. Os complexos culturais funcionam da mesma maneira que os complexos pessoais. Tem a mesma autonomia, repetição, rebaixa a consciência quando ativado (Singer e Kimbles, 2020).

É interessante perceber que quando os autores falam “Indivíduos e grupos possuídos por um complexo cultural particular automaticamente assimilam uma linguagem corporal e posturas comuns ou expressam seu mal-estar em queixas somáticas semelhantes” (SINGER E KIMBLES, 2020, p. 269), podemos ver que essas mulheres inseridas no complexo cultural do machismo e sem a devida consciência desse lugar, tendem a compartilhar os mesmos comportamentos (procuram estar belas, rivalizar umas com as outras, ver em qualquer homem que apareça o salvador que irá tirá-la do status de solteira, entre outros).

Outra fala dos autores que corroboram para o complexo cultural do machismo fala sobre quem está inserido nesses complexos culturais tende a ter uma certeza

simplista sobre o lugar no grupo (Singer e Kimbles, 2020), o que nos leva às justificativas simplistas como: mulheres e homens nasceram para ficarem juntos, ninguém é feliz sozinho, Deus deu o dom a mulher de gerar uma criança, toda mulher precisa ser mãe para ser completa, entre outras falas.

De acordo com Murray Stein (2019) e o conceito de complexo cultural entendemos que esses complexos permeiam e muitas vezes norteiam as pessoas que vivem naquela cultura. São na maioria das vezes ideias que não se pensa nem se questiona a sua origem nem o seu porquê.

O complexo cultural atravessa a cultura da sociedade, sem saber onde se iniciou, quando, mas que estão enraizados de tal forma, que é compartilhado inconscientemente por aquele grupo de pessoas.

Segundo Stein (2006), existe uma espécie de inconsciente cultural, que influencia padrões de comportamento individuais, que produz mudanças, geralmente, ligadas a um sofrimento psíquico de um grupo oprimido. Aqui podemos pensar no sofrimento psíquico que uma mulher possui ao experienciar viver em uma cultura que ela precisa ser escolhida por um homem, e depois de escolhida, ainda deve ser a responsável por manter essa relação, mesmo em sofrimento. Sendo assim, esse nível cultural do inconsciente seria “[...] pessoal no sentido de que é adquirido durante a vida do indivíduo, mas é coletivo porque compartilhado com um grupo” (STEIN, 2006, p. 50)

Stein (2006) ainda fala que “todas essas experiências comuns [...] criam padrões psicológicos de base social, através de uma espécie de sutil programação de inconsciente pessoal (STEIN, 2006, p.50). Ele conclui que pode se pensar na existência de uma camada cultural do inconsciente, denominado de inconsciente cultural. É pessoal pois é adquirido durante a vivência e experiência da pessoa, mas também coletivo pois é compartilhado com o grupo.

Levando em consideração os dois conceitos explicados acima, de machismo cultural e estrutural e complexo cultural, articulamos o conceito de complexo cultural do machismo, que seria um complexo cultural por ser compartilhado por todos, por estar presente desde antes do nascimento do sujeito, por ter uma ideia de gênero, papel social, habilidades, comportamentos determinantes e ter o conceito do machismo por colocar a mulher nesse lugar de espera de ser escolhida, de ser a responsável por conseguir um parceiro e mantê-lo, como se isso fosse o ápice da vida de uma mulher.

O complexo cultural do machismo

Seguindo essa linha de pensamento, é interessante dizer que o que é chamado aqui de complexo cultural do machismo, é chamado por Gustavo Pessoa (2022) de “Complexo Cisheteropatriarcal”. Ele fala sobre a heterossexualidade fazer parte de um complexo cultural. Ele cita que “a heterossexualidade é um fenômeno histórico recente... e pontuado por transformações... marcado por conflitos ao longo de seu tempo de existência... um fenômeno mediado por um complexo... amparado por bases arquetípicas.” (PESSOA, 2022, p.280-81)

Ele ainda afirma que “muito do que vivemos psicologicamente se trata de uma construção sócio-cultural” (PESSOA, 2022, p.281), logo, a heterossexualidade é imposta socialmente para a manutenção do capitalismo ocidental, que tem como base estrutural a família heterossexual e tudo aquilo que diferencie dessa norma, deve ser excluído, pois vai de encontro com o padrão social. Ele afirma ainda, que o complexo cisheteropatriarcal tem a valorização do homem branco em detrimento das mulheres e de qualquer outra manifestação de sexo ou gênero. E combate a ideia de que a heterossexualidade sempre existiu e por isso é a norma e o normal e qualquer outra sexualidade seria desviante da norma. Outro ponto muito importante refere-se à heterossexualidade compulsória feminina:

“A mulher é inevitavelmente levada até o homem como uma espécie de força gravitacional, na qual o desejo é naturalizado e o par complementar homem-mulher é uma fatalidade ... modos de roubar o poder das mulheres, seja pelo comando do trabalho doméstico numa perspectiva servil e não-remunerada, pelo estupro, pelo rapto de seus filhos, por sua constituição como objeto material de valor, entre outros motivos.” (PESSOA, 2022, p.290-91).

Butler (2003) traz o seguinte questionamento: “ ser mulher constituiria um “fato natural” ou uma performance cultural, ou seria a “naturalidade” constituída mediante atos performativos...? ” (BUTLER, 2003, p. 8, 9). Seria então ser mulher e ser heterossexual algo natural, ou imposto pela cultura ao qual a pessoa está inserida? Ainda segundo a autora:

“A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens de gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso ela investiga as apostas políticas, designando como *origem* e *causa* categorias de identidade que, na verdade, são *efeitos* de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos. A tarefa dessa investigação é centrar-se - e descentrar-se - nessas instituições

definidoras; o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória”. (BUTLER, 2003, p. 9).

Como explicado por Pessoa (2022), antes do século XX, o desejo por pessoas do mesmo sexo era visto de forma mais natural. No decorrer do século XX, a heterossexualidade como norma se estabelece para atender às necessidades do capitalismo industrial, pois esse modelo produz pessoas para o trabalho nas indústrias. Ele afirma: “é interessante notar a convergência entre as demandas por trabalhadores, a consolidação do conceito de casamento por amor romântico e da identidade sexual alinhada à função reprodutiva”. (PESSOA, 2022, p. 285)

Sendo assim, o “complexo cisheteropatriarcal”, que é chamado nesse ensaio de complexo cultural do machismo, seria essa ideia inconsciente de ideal coletivo que coloca a mulher nesse lugar onde o curso natural é ser heterossexual, casar e ter filhos e que isso deve ser o maior objetivo das suas vidas, juntamente com a ideia de feminilidade, de ter o dom de cuidar, de submissão e estar sempre à serviço e em prol do outro, tirando assim a autonomia de viverem suas vidas como bem entenderem, que se confirma com as ideias da psicóloga Valeska Zanello (2018).

A junção do complexo cultural do machismo, que coloca a mulher nesse lugar de desejo de ser escolhida por um homem, casar, ter filhos, formar uma família, com o *love bombing* deixa-as suscetíveis a cair no castelo de encantamento de Psiquê, e assim, perder o contato com as pessoas e a realidade a sua volta.

Portanto, o mito de Eros e Psiquê faz analogia com os conceitos discriminados acima. Segundo Neumann (1993, p. 13): “Psiquê, no entanto, lamenta sua solidão, sem marido e sem amor, fisicamente doente e com a alma dilacerada”. O conto que remonta à Grécia Antiga existe grande semelhança nos tempos atuais. Mulheres que não são escolhidas por homens, mulheres solteiras são nomeadas como problemáticas, tristes e infelizes. Culturalmente, ainda hoje, muitas mulheres que não estão em uma relação amorosa com um homem se sentem e são definidas como fracassadas e à margem da sociedade.

Da mesma forma, Pedraza (2010), diz “Psiquê... uma jovem chorando em casa, condenada ao celibato, com o corpo e coração doentes, em deplorável abandono e solidão” (PEDRAZA, 2010, p. 31). Mais uma vez atesta-se que a mulher que não foi escolhida, assim como Psiquê, está fadada a tristeza e abandono. Conforme Pedraza (2010) isso fica bem claro em “Uma jovem que está nessa situação provoca a angústia

de seus pais que a creem vítima de uma maldição divina” (PEDRAZA, 2010, p. 31). Mulheres solteiras são vítimas de uma maldição divina, a pior das maldições que um humano pode ter.

Ainda segundo Maia (2007):

A representação celibatária como um tipo indesejado de mulher e a invenção do termo *solteirona* para nomeá-la, classifica-la e dar-lhe visibilidade foi correlativo à emergência de certo ideal de mulher, de casamento e de família. Seu aparecimento tem caráter histórico e pode ser datado e referido a um contexto social e preciso. As “solteironas” são definidas, frequentemente, na historiografia, como mulheres que alcançaram a idade de 35 anos, pelo menos, sem se casarem (MAIA, 2007, p. 45).

No mito, Eros obedecendo Afrodite flecha Psiquê para que a faça se apaixonar pela criatura mais terrível da terra. Só que Eros acaba se apaixonando por Psiquê. E aí podemos perceber que esse Deus, pode também ser uma terrível criatura, mostrando a personalidade bivalente dessa figura, que no caso da analogia, é a representação do homem, na relação heterossexual.

De acordo com Pedraza (2010, p. 32), “um segundo modo de Eros aparece. Se antes se mostrou como um menino travesso... nos apresenta Eros como sendo da estirpe de um dragão”. Esse homem, que parece o cara perfeito, bombardeando a mulher de amor e falando e fazendo tudo que ela sempre desejou, se revela um grande demônio também.

Por isso que articular o entendimento de castelo encantado e do mito de Psiquê no paraíso de Eros se faz relevante: “tudo acontece em êxtase na obscuridade, em um estado de não saber e não ver porque Psiquê só pode sentir e ouvir” (PEDRAZA, 2010, p. 43). Entendemos a satisfação de Psiquê ao viver um paraíso depois da longa espera. Porém esse castelo do encantamento não é real, é uma bolha onde a realidade externa não penetra e que não se pode sair.

Logo, se justifica a analogia do *love bombing*, onde esse homem bombardeia a mulher de amor, mostra-se como a pessoa que veio salvá-la da maior das maldições, mas cobra dela um preço alto. Viver na bolha dos dois, perdendo então, a mulher, o contato com a realidade. O maior perigo que existe é o isolamento. A mulher perde a referência da realidade e passa a acreditar no que o homem acredita, inclusive vendo a realidade e se vendo com os olhos dele:

A pessoa que vivencia seu senso de si mesma pelo olhar do agressor responderá à pergunta “Quem é você?” com a linguagem do agressor. Isto é, ela vai dizer como o agressor a vê. Se perguntarem a ela como

ela se sentem relação a algo, ela dirá como o agressor se sente em relação àquilo. (GRAHAM, 2021, p.339).

Conforme Graham (2021) a partir da Síndrome de Estocolmo, que é o fenômeno onde reféns se afeiçoam aos seus captores, foi desenvolvida a teoria da Síndrome de Estocolmo Social, que sustenta que o comportamento das mulheres na sociedade atual é fruto da violência masculina. Assim como na Síndrome de Estocolmo, os homens têm comportamentos similares aos de captores de reféns e assim como na síndrome, os reféns tendem a se afeiçoar aos seus captores.

Se um grupo ameaça de violência outro grupo, mas também - enquanto grupo - mostra alguma gentileza para com o grupo vitimado, um vínculo se desenvolverá entre os grupos... Ou seja, é esperado que ela se desenvolva numa cultura em que é socialmente exigido e previsto que membros do grupo opressor simultaneamente vitimizar e seja bondosos com membros do grupo oprimido... os membros do grupo vitimado entendem que não há como escapar do abuso e a partir daí recorrem aos opressores em busca de cuidados e proteção. (GRAHAM, 2021, p. 77).

Segundo a autora, todas as mulheres estão expostas à situações para o desenvolvimento da Síndrome de Estocolmo Social e que os principais pontos são: ameaça a sobrevivência, a impossibilidade de fuga, a gentileza e o isolamento. Nessa situação, a mulher é colocada em isolamento, sem ver a possibilidade de fugir disso pois existe a ameaça a sua sobrevivência e quando a violência acontece, pequenas gentilezas são oferecidas e o ciclo é perpetuado e a mulher acaba sempre tentando agradar para evitar a violência.

É falado ainda sobre como a Síndrome de Estocolmo Social influencia no desenvolvimento psíquico das mulheres. Contextualiza em como antes dos anos 60, o casamento era fundamental para a sobrevivência feminina e somente quando mais mulheres passaram a trabalhar fora de casa e o divórcio foi mais aceito socialmente, as mulheres puderam ter mais escolhas em relação aos homens:

A Teoria da Síndrome de Estocolmo Social sugere que nós, mulheres, somos mais propensas a colocar os interesses, os sentimentos e as necessidades dos homens antes dos nossos, quando a nossa sobrevivência depende da boa vontade deles (GRAHAM, 2021, p. 160).

Assim como Zanello, a autora fala sobre como o casamento é tido, ainda hoje, como o grande objetivo da vida feminina. E como o amor aos homens e a heterossexualidade compulsória feminina é uma reação à Síndrome de Estocolmo Social e a necessidade de sobrevivência. E que a ideia de feminilidade está relacionada a traços de submissão. É interessante ressaltar que o livro mostra o quanto todos os

homens se beneficiam da violência e opressão exercida pelo grupo dos homens contra as mulheres, e mesmo aqueles que não exercem sua violência diretamente, é beneficiado por essa dinâmica.

No mito, Eros fala para Psiquê que ela está prestes a um perigo iminente, que são suas irmãs que a procuram. Ele pede que ela não responda aos chamados das irmãs, pois isso causaria uma grande dor a ele e para os dois, a maior das desgraças. Assim, como no *love bombing*, Eros afasta Psiquê cada vez mais do contato com a realidade externa. Com a tristeza de Psiquê, ele ainda utiliza de manipulação psicológica para convencê-la a não responder o chamado das irmãs: “Não me prometeste isso... faze então como quiseres, obedece à tua consciência que te causará a ruína. Só te lembrarás, contudo, da minha advertência quando, tarde demais, começares a te arrepender” (Neumann, 1993, p. 18).

Psiquê está então, sem saída. Vivendo nesse castelo onde tudo é bom e belo, sem contato com a realidade externa, é difícil perceber os sinais, sutis e às vezes não tão sutis da manipulação psicológica. É difícil enxergar a dualidade desse Eros, dos comportamentos abusivos e principalmente, é difícil achar a porta de saída desse castelo encantado.

Individuação

Para sair desse castelo de escuridão, ter forças, ganhar autonomia e sair desse processo de socialização cultural ao qual a mulher é submetida antes mesmo de nascer, será necessário um processo de individuação, que é se tornar um ser individual, distinto do coletivo. Para Jung (1875/1961), a individuação é “um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual”. (JUNG, OC vol. VI, §[853] (825))

Segundo o autor, já somos fisicamente e biologicamente seres individuais e a individuação é o processo de tornar-se individual também psicologicamente (JUNG, 1875/1961). Indivduar-se não é se tornar egoísta, ou individualista. Sendo todos indivíduos naturalmente, a individuação seria realizar as particularidades da sua natureza. (SILVEIRA, 1981).

De acordo com STEIN (2020) a individuação é:

Tendência inata — uma energia, um impulso ou, como direi em algumas passagens, um imperativo — de um ser vivo encarnar-se por completo,

tornar-se verdadeiramente ele mesmo no mundo empírico do tempo e do espaço e, no caso dos seres humanos, a tomar consciência de quem e do que são (STEIN, 2019, p. 77).

Considerações finais

Logo, assim como Psiquê na mitologia, será preciso para essa mulher que está envolvida nesse complexo cultural do machismo passar pelo processo de individuação. Para sair do castelo de encantamento simbólico que o *love bombing* coloca essa mulher, é necessário que, primeiramente, ela tome consciência do padrão cultural, trazendo-o para a consciência que isso é um padrão histórico, social e cultural que foi estabelecido, mas que não significa que ele é natural e o único caminho para uma vida com plenitude.

Assim como Psiquê, uma mulher presa em uma relação abusiva precisará passar por um processo simbolizado pela história do mito. Primeiramente, ouvir as vozes das irmãs, que são, simbolicamente, aspectos de sua psique impulsionando para que saia desse isolamento que o castelo de encantamento a coloca e olhe para esse Eros, como ele realmente é, pois no caso desse tipo de relacionamento, o que menos existe é eros. O que se tem, de fato, é submissão, sub-julgação, imposição de poder, entre outros. Sair do isolamento desse castelo aparentemente perfeito precisa acontecer, para que a realidade venha à tona e ela saia dessa escuridão psíquica.

Assim como Psiquê no mito, será necessário que essa mulher passe por “tarefas” para sair desse castelo do encantamento ou para sair desse padrão aprisionador e obter maior consciência. Simbolicamente, essas tarefas representam o processo individual que cada mulher deve fazer para se libertar e sair da vulnerabilidade de entrar em relacionamentos abusivos ou para sair de um que já esteja. Portanto, assim como as tarefas dadas por Afrodite precisam ser realizadas, a mulher vai precisar realizar “tarefas” para sair desse aprisionamento.

É fundamental que essa mulher tenha uma rede de apoio que a ajude nesse processo, assim como Psiquê teve no decorrer das tarefas que precisou passar para o seu processo de individuação. Essa rede de apoio vem do externo, como pessoas, lugares que a ajudam e a acolhem nesse processo, mas vem também do interno. Aspectos psíquicos seus a ajudarão no processo de execução das tarefas e do seu próprio processo de individuação.

Outras considerações devem ser feitas a respeito desse ensaio. Por ser um ensaio, foi necessário ter maior foco na parte do mito que fala sobre o castelo de encantamento, mas o mito todo poderia ser visto à luz de relacionamento abusivo e o processo que uma mulher precisa passar para sair dessa situação. Pode ser ainda um importante material para se entender o complexo cultural machista e patriarcal que ainda hoje, coloca essas mulheres nesse lugar de desejo de ter um relacionamento como a maior das suas conquistas, porque tantas mulheres ainda são vítimas desse complexo e o adoecimento psíquico coletivo que elas vivem.

Como sugestão para novos estudos, seria interessante prosseguir fazendo o paralelo entre o mito, o complexo cultural do machismo e a saída do isolamento do castelo do encantamento para entender melhor como funcionaria o processo de individuação através do caminho que Psiquê percorre e das tarefas que precisa realizar para o seu processo.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.
- CICLO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. Instituto Maria da Penha (IMP). 2023. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html> Acesso em: 26 out. 2023
- GRAHAM, Dee L. R. et al. **Amar para sobreviver: mulheres e a síndrome de Estocolmo social**. São Paulo: Editora Cassandra, 2021
- HIRIGOYEN, Marie - France. **A violência no casal: da coação psicológica à agressão física**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 256 p
- JUNG, C.G. A natureza da psique. OC, vol. VIII/2. Petrópolis: Vozes. 2014
- JUNG, C.G. Tipos psicológicos. OC, vol. VI. Petrópolis: Vozes. 2015
- LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Sobre Eros e Psiquê: um conto de Apuleio**. Prólogo de Maria Fernanda Palacios. Tradução de Roberto Cirani. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção Reflexões Junguianas)
- LOVE BOMBING. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Love_bombing&oldid=64534031. Acesso em: 26 out. 2023.
- MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral - Minas Gerais (1890-1948)**. 2007. 319 f. Tese (Doutorado em História)- Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- NEUMANN, Erich. **Amor e Psiquê**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- PESSOA, G. O complexo cisheteropatriarcal: desde o desejo ao confronto do patriarcado. In: PARISE, C. L.; SCANDIUCCI, G. **Re-imaginando um lugar de escuta: a pluralidade da clínica contemporânea e os complexos culturais**. São Paulo: Sattva, 2022. p. 277-96.
- Pithon, Fabiana Teixeira **A cerimônia de casamento como rito de passagem/ Fabiana Teixeira Pithon**. _ Salvador, 2010. 211 f.

SILVA, Cauan Esplugues; SERBENA, Carlos Augusto. **A teoria dos complexos culturais: uma perspectiva junguiana do social**. Est. Inter. Psicol., Londrina , v. 12, n. 1, p. 158-182, abr. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072021000100009&lng=pt&nrm=iso> acesso em 27 jun. 2023.

Silveira, Nise da J589s **Jung: vida e obra / Nise da Silveira** – 7- ed.– Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. (Coleção Vida e Obra)

SINGER, T.; KIMBLES, S. A teoria emergente dos complexos culturais. In: CAMBRAY, J.; CARTER, L. (Orgs.). **Psicologia analítica: perspectivas contemporâneas em análise junguiana**. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 254-91.

STEIN, Murray **Jung e o caminho da individuação : uma introdução concisa / Murray Stein ; tradução Euclides Luiz Calloni**. — São Paulo : Cultrix, 2020

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma: uma introdução**. São Paulo. 5ª ed. Cultrix, 2006

STEIN, Murray. **Psicanálise junguiana: trabalhando no espírito de C.G. Jung / editado por Murray Stein; tradução Caio Liudvik**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019

XAVIER, Manuela. **De olhos abertos: uma história não contada sobre relacionamento abusivo**. Rio de Janeiro. 2ª ed. BestSeller, 2022.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. v. 1. 303p